

Huremović D, editor. *Psychiatry of Pandemics: A Mental Health Response to Infection Outbreak*. Gewerbestrasse: Springer Nature; 2019.

Orli Carvalho da Silva Filho

(<https://orcid.org/0000-0002-5268-6097>)¹

Maria Cecília de Souza Minayo

(<https://orcid.org/0000-0001-6187-9301>)²

¹ Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fiocruz. Rio de Janeiro RJ Brasil.

² Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz. Rio de Janeiro RJ Brasil.

No futuro, 2020 será identificado pela Covid-19, pois toda a população do planeta terá sido globalmente afetada por essa pandemia. Ainda que essa afirmação assumia tonalidade catastrófica, ela é fortemente amparada por uma premissa do livro aqui resenhado¹: poucos fenômenos ao longo da história da humanidade moldaram os desfechos, as permanências e as inovações das sociedades como fizeram os surtos e as epidemias de doenças infecciosas.

Publicado em 2019, logo após o centenário da mais letal pandemia ocorrida no mundo, *Psychiatry of Pandemics: A Mental Health Response to Infection Outbreak*¹, ainda sem tradução para o português, apresenta-se mais atual do que esperado por seu editor. No prefácio da obra, Huremović sugere que a obra poderia ter sido escrita um século antes, quando a chamada *Gripe Espanhola* (1918) varria o planeta e a psiquiatria moderna se fortalecia enquanto especialidade médico-científica. O movimento cíclico dos problemas em saúde pública mostra que, apesar da sugestão editorial de uma obra datada, esta se mostra agudamente pertinente e atual. Assim, por suas dimensões retro e prospectivas, sua leitura se soma aos relevantes estudos que estão sendo produzidos no presente momento de isolamento social.

Embora o título e as filiações autorais apontem um enfoque psiquiátrico, o conteúdo das 185 páginas organizadas em 13 capítulos identifica-se mais com o termo *saúde mental* apresentado em seu subtítulo. Sua aproximação com a saúde coletiva, especificamente com a saúde dos trabalhadores, merece destaque, sendo uma acessível referência aos que se preocupam com o suporte emocional dos profissionais da *front* e da população. Nesse contexto, uma crítica assinalada pelo livro é a pequena dedicação que as ciências do comportamento e as vertentes sociais da medicina vêm conferindo à influência nas (re)organizações das cidades e das relações humanas pelas pandemias. Objetivando ser uma das possíveis respostas a essa lacuna, este livro se associa às recentes publicações que

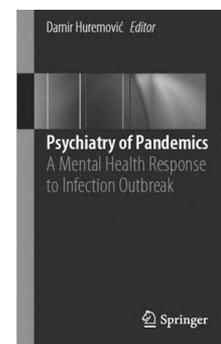
alertam sobre a urgência da saúde mental na agenda da Covid-19^{2,3}.

A introdução menciona as possibilidades de repostas da Saúde Mental diante de epidemias de doenças infecciosas. São expostos dois modelos de atuação psiquiátrica em tais circunstâncias: a *interconsulta* (interface da clínica psiquiátrica com outras especialidades médicas) e a *psiquiatria de desastres*, esta debruçada sobre a compreensão do quanto o sofrimento psíquico individual e coletivo pode criar limitações à recuperação de catástrofes, desastres e pandemias^{1,2,4}.

Brief History of Pandemics, capítulo dois, ilustra como a história desses eventos se sobrepõe à da medicina e também à da humanidade, inclusive em suas crenças e mitos. Explorando a polissemia do termo *praga*, são narradas pandemias do ocidente, seus agentes etiológicos e suas repercussões demográficas e sociais. Os autores destacam a *Peste Negra* (século XIV), surto de peste bubônica que, seguindo a Rota da Seda, viajou da China até a Europa. É notória a constatação, também identificada na Covid-19, de que as epidemias seguem as dinâmicas e os contextos populacionais em que ocorrem, sendo não apenas manifestações clínicas oriundas da relação patógeno-hospedeiro, mas também reflexos do comportamento e das formas sociais e culturais da vida em coletividade. Como discute o capítulo cinco, compreender e manejar os elementos culturais e religiosos que estruturam uma sociedade é fundamental para a efetividade de políticas de prevenção e tratamento de epidemias, como bem exemplificado no recente surto do vírus Ebola na África Ocidental¹.

Um curioso apontamento que suscita reflexões sobre a contextualização das exigências e requisitos da formação em saúde neste momento é a descrição da categoria *medicos della peste*. Com a disseminação da *Peste Negra* na Europa, inexperientes médicos foram contratados para tratar os enfermos, registrar suas mortes e, em alguns casos, realizar autópsias – aprofundando seus estudos em anatomia. Espera-se que a sociedade atual não precise recorrer a esse *experimento terapêutico*, no entanto, é relevante assinalar a necessidade da ética no debate sobre a ação dos profissionais de saúde, quando muitos novatos estão sendo chamados para o *front* neste momento crucial no Brasil. Sem esquecer, porém, que a incerteza e a insegurança existenciais podem se tornar motivadoras do crescimento profissional e da ciência, o que parece estar ocorrendo, particularmente, por meio de estudos internacionais e interativos que contribuem para superar duas pragas contemporâneas: a agnatologia e as *fake news*.

Entremeando conceitos psicanalíticos e cultura *pop* (zumbis), o capítulo *Psychology of the Pandemic* ressalta como as pandemias se refletem nos pensa-



mentos, comportamentos e respostas emocionais, passando da desinformação e insegurança ao pânico e à violência. O capítulo quatro aprofunda esse tópico ao evidenciar a *Teoria do Contágio*, que descreve como emoções e ações individuais são impactadas pelo comportamento de uma multidão. Ambas as seções traçam um paralelo entre os portadores de transtornos mentais e os de doenças infecciosas, pois ambos culminam com estigma e imposição do isolamento real ou simbólico: a loucura é contagiosa.

Em cinco capítulos (do seis ao 10), os autores se concentram nas manifestações neuropsiquiátricas, nas síndromes diagnósticas e nas possibilidades de intervenção psicoterápica e psicofarmacológica, antes, durante e após epidemias. A linguagem clara permite o entendimento desses conceitos mesmo a leitores não familiarizados. Há um cuidado especial na defesa de que a presença de sofrimento psíquico não é suficiente para um diagnóstico, e na ideia de flexibilização do espectro normal-patológico, dada a importância dos transtornos de ajustamento, mesmo na presença de sintomas depressivos, ansiosos e de insônia.

O distanciamento social, a quarentena e o isolamento como estratégias para quebrar a cadeia de transmissão infecciosa na ausência de vacinas específicas são enfatizados, antecipando a seção final do livro (capítulo 13), que aborda imunizações e o crescimento de movimentos antivacinas. Essas duas partes exploram os receios e as resistências sociais a ambas as intervenções, defendendo um debate democrático entre a população, os agentes sanitários e a mídia a favor do controle epidêmico e da segurança coletiva.

A saúde dos trabalhadores durante e após o isolamento social é destacada nos capítulos 10 e 11. O duplo pertencimento às categorias de *cidadãos seguidores das orientações sanitárias e sujeitos prescritores do cuidado (e da ordem)* costuma incidir fortemente no sofrimento emocional, muito presente nos profissionais de saúde, conforme já documentado desde a pandemia da SARS (2003)^{1,3}. Não se observa um padrão diferente de adoecimento nesse grupo, mas uma ampliação de suas vulnerabilidades: percepção de risco individual, impacto na rotina de trabalho, risco ocupacional relacionado ao número de pacientes assistidos e misto de culpa e preocupação para com seus pares e familiares^{2,3}. Em contrapartida, identificam-se fatores de proteção: medidas de suporte técnico e emocional; equipamentos seguros de proteção individual; definição de fluxogramas para assistência e vigilância; comunicação entre pares; e religiosidade^{2,3}.

Mental Health Assistance to Families and Communities in the Aftermath of an Outbreak tra-

duz a expectativa na vigência de uma pandemia: o seu fim. Em se tratando dos profissionais de saúde mental, não é difícil imaginar um cenário que proporciona mais demanda mais que o curso pandêmico em si; um panorama onde as reações de luto e de trauma se apresentam em meio às tentativas de reconstrução do cotidiano²⁻⁴. Retomando a premissa defendida na abertura desta resenha, o confronto com uma nova normalidade é capaz de predispor ou perpetuar descompensações emocionais, convocando vários agentes com poder de convencimento psicossocial para atuarem como parceiros das políticas públicas e das boas práticas em saúde mental⁴.

Considerando que os dados epidemiológicos nacionais são frustrados na identificação da magnitude do problema que hoje se enfrenta, é difícil prever como se dará a evolução da Covid-19 no Brasil⁵. Experiências internacionais das últimas décadas apontam que as epidemias são anunciadas por um pânico coletivo, sugerindo a necessidade de atenção às experiências subjetivas e populacionais – epidemiologia emocional – como uma estratégia inicial no planejamento da assistência. Quando se prioriza o pânico, a consequência é uma paralisação, ainda que diante da declaração de emergência sanitária internacional⁵.

Este livro mostra que o momento atual exige dos profissionais, dos cidadãos e das autoridades políticas responsabilidades e respostas condizentes com sua função e seu lugar no mundo. Mas também ensina que o medo e a incerteza de hoje podem ser ressignificados pela resiliência e pelo investimento na saúde mental.

Referências

1. Huremovic D, editor. *Psychiatry of Pandemics: A Mental Health Response to Infection Outbreak*. Gewerbestrasse: Springer Nature; 2019.
2. World Health Organization (WHO). *Mental health and psychosocial considerations during COVID-19 outbreak*. Geneva: WHO; 2020. [acessado 20/04/2020 Abr 20]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331490/WHO-2019-nCoV-MentalHealth-2020.1-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
3. Ornell F, Halpern SC, Kessler FHP, Narvaez JCM. The impact of the COVID-19 pandemic on the mental health of healthcare professionals. *Cad Saude Publica* 2020; 36(4):e00063520.
4. Hoven CW, Amsel LV, Tyano S, editors. *An International Perspective on Disasters and Children's Mental Health*. Gewerbestrasse: Springer; 2019.
5. Hallal PC, Horta BL, Barros AJD, Dellagostin OA, Hartwig FP, Pellanda LC, Struchiner CJ, Burattini MN, Silveira MF, Menezes AMB, Barros FC, Victora CG. Evolução da prevalência de infecção por COVID-19 no Rio Grande do Sul: inquéritos sorológicos seriados. *Cien Saude Colet*. 2020; 25(Supl. 1):2395-2401.